

## DISCURSO PRONUNCIADO PELO DR. EDMUNDO LINS

---

(Collação de grau aos bacharelados de 1911)

*Exmo. sr. Presidente do Estado.*

*Sr. dr. Director da Faculdade.*

*Sr. dr. Secretario do Interior.*

*Douta Congregação.*

*Meus jovens collegas.*

*Minhas senhoras e meus senhores.*

Num dos vastos amphitheatros da Sorbonne, preleccionava laureado professor, discorrendo sobre as instituições da Cidade Antiga.

Mal, porém, começara, suffocaram-lhe a palavra elegante e sabia gritos, urros, patadas, um tumulto horroroso de troça bestial que partia dos alumnos apinhados nos bancos. O professor parou, lançando-lhes um olhar indifferente e remechendo as suas notas.

E, quando se moderou a estrondosa assuada, elle recommçou com alta serenidade, expondo idéas frias e substanciaes, numa lingua pura e forte.

Mas, immediatamente, rompe nova rajada de apitos, uivos, relinchos, cacarejos de gallos, por entre mãos que se estendiam, rancorosamente, a ameaçal-o.

Attonito ante a gratuita e brutal aggressão, perguntou certo visitante a um velho que, sentado a seu lado, contemplava o tumulto, com melancolia :

« Que quererão elles? Será politica? Birra com o professor »?

Abanando, tristemente, a cabeça, respondeu o velho :

« Não ! E' assim, agora, em todos os cursos ! Já não querem idéas ! Só querem... cançonetas ».

*Meus jovens collegas.*

Durante a maior parte do curso que acabais de terminar, eu fui, na cathedra, o vosso mais velho companheiro de estudos.

Já conheceis, pois, por completo, minha linguagem inteiramente desataviada, que, entretanto, tivestes sempre a gentileza de ouvir com a maior attenção, quando me honrastes, e sobremodo, elegendo-me vosso paronympho. Significastes, assim, claramente, que, ao contrario dos vossos collegas da Sorbonne, tão fina e mordazmente caricaturados por Eça de Queiroz, ainda neste momento não quereis cançonetas, mas idéas frias e substanciaes, que vos orientem na vida pratica.

Fostes, porém, mais uma vez, victimas de vossa generosidade; porque tenho, apenas, a vos expôr, duvidas que, de muito, me torturam o espirito de jurista, idéas que andam pelo ar, em todas as boccas, mas, ainda, infelizmente, no estado da «rudis indigestaque moles», de que fala o cantor das «Metamorphoses».

E' o que passo a fazer.

Na ancia perenne de felicidade, que vem assediando o homem, desde o seu apparecimento no globo, o seculo XVIII transmittira ao seculo XIX tres grandes problemas sociologicos: na ordem juridica, a abolição dos privilegios de classes; na ordem politica, a suppressão da nobreza; na ordem economica, a extincção do feudalismo.

E o seculo XIX resolveu-os: — pela egualdade de todos perante a lei; pelo triumpho do terceiro Estado e pelo estabelecimento da propriedade individual do sólo.

Estas soluções, porém, não corresponderam ao fim collimado, expresso no hexametro que epigraphava o jornal de Marat:

«Retire-se a fortuna dos ricos para que se restitua aos pobres».

—«Ut redeat miseris, abeat fortuna superbis».

Eis porque, na mesma ancia e com o mesmo escopo, o seculo XIX acaba de nos deixar, como legado oneroso, tres questões similares, porventura muito mais complexas: na ordem juridica, a remodelação completa do instituto do dominio, ou pela extincção do direito de propriedade individual, ou pela socialização da terra e dos instrumentos de trabalho; na ordem politica, o triumpho do quarto Estado—o operariado, pela suppressão da burguezia; na ordem economica, a egualdade de todos na riqueza, pela abolição do pauperismo; em uma palavra—a questão social por excellencia, a questão da ordem do dia, o socialismo.

Ora, meus jovens collegas, não somos nós, vossos ex-professores, nem os de nossa geração escolar, que poderemos, siquer, contribuir para pôr em equação o pavoroso problema.

Além do misonheismo peculiar á velhice, nós já bebemos, com o leite materno, os elementos da propriedade quiritaria, que até o ultimo quartel do seculo passado, ainda conhecemos, em nosso direito, com todos os horrores da «dominica potestas», e que, com as licções de nossos mestres, por tal modo se nos chrystalizaram no cerebro, que, sem elles, não podemos conceber organização social de especie alguma.

Quando, como ora o fazeis, transpuzemos os limiares academicos, trazemos para a vida pratica, como artigos de nosso credo:

em politica, os principios da revolução franceza, que, entre os direitos do homem, proclamou, como inviolavel e sagrada, a propriedade individual ;

em *Philosophia Juridica*, a funcção que ao direito assignala Kant, neste ponto seguido por Savigny e brilhantemente defendido por Herbert Spencer, o jurisconsulto e o philosopho que, com seus nomes, encheram o seculo passado, — funcção puramente negativa, simples e unicamente impedir que um invada a livre esphera de acção de outrem ; e, como corolarios ;

em *Direito Publico*, o individualismo de Humboldt, de Spencer, de Taine, de Le Bon, para os quaes o Estado não passa de um mal necessario, só tendo dois fins, por igual negativos, — a manutenção da ordem juridica interna e a defesa externa.

em *Economia Politica*, o liberalismo orthodoxo da escola de Manchester, adoptando, como divisa, o celebre mote de Gournay : «laissez faire, laissez passer».

E é sobre os escombros desses dogmas que se pretende elevar a construcção socialista.

Bem sabemos que, como todos os systemas, o nosso não tem resistido, illeso, á acção corrosiva da critica.

Economistas, como Stuart Mill, Laveleye, Loria e Wagner; sabios e philosophos, como Spencer, Wallace, Schœffle e De Coulanges—demonstram que a propriedade tem sempre variado, no decurso dos tempos, de accordo com os modos de producção e os processos de trabalho peculiares a cada época; donde concluem os socialistas que, sendo, hoje, a producção essencialmente collectiva, graças á divisão do trabalho e á especializaçãõ das funcções, collectiva ou social deve ser tambem a propriedade.

Este «desideratum», relativamente ao dominio da terra, está de accordo—são palavras textuaes do mais individualista dos philosophos e dos sabios—Herbert Spencer—«este «desideratum» está de accordo com o estado mais elevado da civilizaçãõ; pois privar os outros de um direito ao uso da terra é commetter um crime egual ao de lhes tirar a vida ou ao de despojal-os da liberdade pessoal.»

E, a este respeito (quem o diria? como sempre os extremos se tocam!), a este respeito, não diverge o pensar dos Santos Padres, que, em se referindo ao direito de propriedade em geral, chegam á fórmula revolucionaria de Proudhon : «a propriedade é o roubo, e, mais ainda, —os proprietarios são homicidas!»

Eis, com effeito, as palavras de S. Gregorio, o Grande : «A terra é commum a todos os homens; é, pois, em vão que se creem innocentes aquelles que se apropriam, para si sós, dos bens que Deus fez communs; porquanto, em os não partilhando com os outros, elles se tornam *homicidas*.»

Antes do Summo Pontifice, já dissera S. Basilio, também cognominado o Grande : «Não és um *ladrão*, tu que, para ti só, te aproprias daquillo que recebeste para espalhar e distribuir ?» E S. Clemente : «Foi a *iniquidade* que fez dizer a um—isto é meu, a outro—isto me pertence. Dahi veio a discordia entre os homens.» Finalmente, Santo Ambrosio : «A natureza creou o direito de *comunidade*; foi a *usurpação* que produziu o direito de propriedade».

Quanto ao objectivo que o criticismo de Kant attribue ao direito, provam-lhe a falsidade os juristas da escola eclectica, como Ahrens, Roder, Mohl, Trendelenburg, Puglia e Pedro Lessa, os quaes evidenciam que, além daquella função negativa, tendente a regular as relações externas de convivencia, o direito tem igualmente uma função positiva ou organica—estabelecer todas as condições de ordem e de progresso do individuo e da sociedade, de accordo com a lei suprema da solidariedade humana. Relativamente á doutrina individualista, estudos philosophicos e juridicos mais positivos, feitos á luz do direito administrativo de todas as nações cultas, patenteiam que ao Estado, emanação das forças vivas e intellectuaes de um povo, incumbe favorecer-lhes o desenvolvimento em todas as direcções, como o mais poderoso factor da civilização, concedendo seu concurso, sempre que o fim, que é o progresso social, puder ser, assim, melhor attingido do que pelas simples forças individuaes. E' o que vemos em todos os paizes, a começar pelo paiz classico do *self-help*, do *laissez faire* e do *laissez passer*—a Inglaterra, que, na exposição internacional de 1889, na secção *Intervenção do Estado*, obteve o grande premio, o unico instituido para a nação que mais tivesse legislado sobre os differentes ramos da Economia Social.

O mesmo phenomeno se observa, não só nos paizes da raça latina, como também na Suissa, na Austria, na Australia, no Canadá, na America do Norte e, principalmente, na Allemanha, sendo esta, no conceito de Cowés, uma das grandes forças daquella nação.

Não é, pois, uma diathese da raça latina, como o quer Le Bon, ou dos povos de formação communitaria, simples differença de palavras com que Desmoulin's exprime o mesmo pensamento.

Attendamos, com effeito, ao que, a respeito, disse, no parlamento allemão, um dos seus mais notaveis oradores, o deputado catholico Joerg : «Um movimento, quasi imperceptivel em seu principio, espalhou-se com uma rapidez inaudita. Não podemos explicar o prodigioso desenvolvimento destas doutrinas *sinão considerando-o como a consequencia das modificações profundas que se introduziram nas condições economicas da sociedade*. Sim, a civilização moderna tem sua sombra e esta sombra é o socialismo. E a sombra não desapparecerá, emquanto a civilização moderna ficar o que é. O socialismo não é um flagello peculiar á Allemanha. Elle estabeleceu, na Allemanha, seu quartel general e fez, entre nós, sua educação philosophica e scientifica, mas *vós encontrareis o socialismo em toda parte. E' um mal universal.*»

E', tambem, a opinião do grande organ de publicidade da raça anglo-saxonia, ou do povo de formação *puro sangue* individualista,—o «Times», que, em artigo de fundo de 12 de maio de 1909, mostra como o phenomeno é, actualmente, mundial, manifestando-se em toda a Europa, em toda a America, na Oceania, e em grande parte deste Oriente adormecido desde seculos. «Das nações do mundo, conclue o «Times», pôde-se dizer, neste momento, o que La Fontaine disse dos animaes pesteados: Nem todos morrem; todos, porém, estão atacados da epidemia reinante. Um senador italiano - o dr. Pantaleoni já a classificou o *Morbus Democraticus*. Não é, absolutamente, uma molestia nova.

Ha muito que ella appareceu no globo; existiu, no estado endemico, ora de um lado, ora de outro, segundo o grau de adeantamento das diversas civilizações. Na época actual, porém, começa a tornar-se epidemica e ameaça a humanidade inteira.»

Vejamos, com effeito, meus jovens collegas, o que se está passando na America do Norte.

Falando das eleições que lá se realizaram em novembro ultimo, diz o correspondente telegraphico do «Jornal do Commercio», do dia 13 do mesmo mez:

«Os resultados completos das eleições permitem agora uma analyse da principal tendencia que ellas apontam: os votos a favor dos socialistas augmentaram 40 %.

Nova York apresenta uma alta porcentagem de augmento e, em Chicago, os «leaders» politicos desde já prevêm uma colligação operario-socialista, com sufficiente força para varrer os antigos partidos».

E basta, meus jovens collegas, um só facto para provar a falsidade completa do individualismo.

E' Laveleye quem o conta: um estudante da America Central, o qual fôra alumno de Molinari, de volta a seu paiz, foi eleito presidente da Republica. Discipulo convicto da orthodoxia individualista, começou por practical-a; supprimiu os departamentos da instrucção publica, da agricultura e commercio, dos correios e telegraphos, da viação e obras publicas.

Aboliu, com extraordinario jubilo dos contribuintes, os respectivos orçamentos e delimitou a acção do Estado á policia, á distribuição da justiça e á defesa das fronteiras.

Fecharam-se, porém, immediatamente, as escolas; estragou-se o calçamento das ruas; abateram-se as pontes; inutilizaram-se as estradas; obstruíram-se os portos; suspendeu-se o serviço postal e o telegrapho; voltou-se, emfim, ao estado de natureza, á selvageria primitiva.

Não tardou, porém, que surgissem protestos geraes contra a experimentação *in anima nobili* e o presidente, encalistrado e desilludido, ante a ameaça de um *pronunciamento*, restituiu ao Estado as attribuições que elle exerce nos outros paizes, preferindo todos pagar impostos a executar serviços de que só elle é capaz.

Effectivamente, sem sua intervenção directa, como se teria conseguido, nos differentes povos, a abolição do feudalismo, da escravidão e das corporações de artes e officios?

Accresce como o observa o mais severo critico do socialismo — Bourdeau — accresce que «a um movimento tão intenso como o socialista, é indubitavelmente pueril oppôr simples barreiras doutrinarias: tanto valeria, segundo uma comparação de Gambetta, contrapôr á catarata de Niagara... a mola de um relógio».

Finalmente, o liberalismo illimitado da escola de Manchester acha-se banido da pratica de todas as nações civilizadas, onde o Estado intervém nos differentes dominios da ordem economica: na producção, explorando directamente certas industrias, como as manufacturas de Beauvais, Sévres e Gobelins, e até monopolizando muitas dellas, como a cunhagem da moeda, o fumo, o alcool, e o phosphoro; na distribuição, legislando sobre a propriedade, sobre a herança, sobre o salario e sobre o trabalho; na circulação, construindo e explorando vias-ferreas ou concedendo privilegios de zona, garantia de juros e outros favores para a respectiva construcção; monopolizando o serviço dos correios e telegraphos e creando ou favorecendo institutos de credito; no consumo, fazendo incidir, sobre alguns objects, impostos quasi prohibitivos, interdizendo a prodigalidade e incriminando o jogo.

Apezar disso, porém, como observa Puglia, ninguem o contesta, a liberdade economica é hoje maior que no passado.

E, entretanto, ao accrescimento extraordinario e constante da riqueza social, concentrada nas mãos de poucos milionarios, tem sempre correspondido o augmento assombroso do pauperismo.

E' phenomeno a que já alludira Gladstone, na Camara dos Communs, em 1843; em que insistiram o conde de Mun, no congresso dos circulos catholicos de Chartres, e monsenhor Koeteler, bispo de Moguncia, em sua *Questão Operaria e o Christianismo*.

«Ha trinta annos, diz Henry George, em seu «Progresso e nobreza», ha trinta annos, eu vi a California em seu inicio.

Não havia grandes cidades, nem grandes capitaes, nem machinas; todos, porém, viviam felizes e não havia tambem pobres.

Hoje, S. Francisco é uma cidade riquissima e cheia de millionarios; palacios elevam-se em todos os pontos.

O capital é abundante e accumula-se com uma rapidez inaudita.

O salario, entretanto, cahiu a menos da metade e, nestas ruas bordadas de moradas principescas, illuminadas a gaz, onde rolam, sem cessar, carruagens magnificas, o miseravel, o proletariado pullula, e estes barbaros, mais terriveis que os Godos e os Vandalos, como falava Macaulay, em uma carta prophetica, tornam-se cada vez mais numerosos.

Ide a qualquer parte e o mesmo phenomeno vos impressionará: onde é mais abundante o capital, maior é a miséria; vêde Londres e Paris.»

E continúa o notavel collectivista agrario a citar factos, dos quaes induz que o progresso da civilização, como liberalismo da escola de Manchester, produz, como effeito necessario, o augmento do pauperismo.

E', como o sabeis, a lei de Ricardó, de Rodbertus e de Lassalle—a lei de bronze, como lhe chamam os socialistas.

Como vêdes, meus jovens collegas, bem pouco resta dos idolos de nossa mocidade. Somos, porém, todos, mais ou menos, como aquelles Saxões da Northumbria, de que fala Rénan: os missionarios de Roma, depois de os haverem convertido ao christianismo, fizeram os maiores esforços possiveis por persuadil-os de que elles mesmos, para provar a convicção com que haviam abraçado as novas crenças, é que deviam destruir os idolos que, até então, haviam adorado.

Vão tentamen! Ninguem ousou levantar as mãos contra aquellas imagens, consagradas, havia tanto, pela fé e pela oração.

A vós, pois, meus jovens collegas, a vossa geração academica é que está reservada a patriotica e humanitaria tarefa. Nós vos diremos, com Virgilio, na tão citada ecloga prophetica: «*jam nova progenies caelo demittitur alto*» e, com Virgilio repetireis o: «*Magnus ab integro seclorum nascitur ordo*». E urge que o façais.

O socialismo é, no dizer de Benoist-Malon, a esphyngue que, neste momento, se posta ante todos os governos, com o seu estado maior de escriptores, oradores, estadistas, organizadores e propagandistas, e, com o seu immenso exercito de proletarios. apostrophando a sociedade actual: Em tua fórma presente, tu és incapaz de reger dignamente os grandes interesses da humanidade. Tu estás devorada pelo verme roedor do individualismo; tu não tens, nem philosophia commun, nem pactos politicos equitativos, nem Justiça economica. Tu não sabes empregar a sciencia que as gerações te legaram sinão em obras de morte e vives selvagemente, vergonhosamente, sob o direito salteador do mais forte. E' o ferro homicida, e não a vontade dos povos, que demarca as fronteiras. E's rica de todas as accumulações passadas e de uma inapreciavel instrumental de producção. Que fazes de tantas riquezas? Tu as dás a alguns parasitas, que dissipam os recursos communs e estouram de plethora, sob o peso de um luxo escandaloso. Que digo?! Tu toleras os billionarios, enquanto milhões e milhões de teus filhos, tiritando de frio, cahindo de fome, gritam para ti, do fundo de sua miseria, e, em vão, te pedem trabalho para poderem viver.

Em vez de uma familia grande e feliz, tu abrigas, apenas, hordas de oppressores e de opprimidos, de expoliadores e de expoliados, chocando-se nas trevas, donde se eleva, para accusar tua imprevidencia e tua injustiça, um concerto funebre de soluços e de maldições!» Não é, meus jovens collegas, mera explosão rethorica.

Ao contrario, tão justo e tão geral é o clamor, de que, apenas, se fez echo Benoist-Malon, que, para prover, a respeito, Guilherme II da Alemanha convocou o Congresso Internacional de Berlim, em que se fizeram representar quasi todos os paizes da Europa.

Accedendo ao convite que lhe fôra feito, respondeu Leão XIII que «apoiaria, com o maior empenho, todas as deliberações da conferencia, que tendessem a reerguer a condição dos operarios e a impedir que o trabalhador continuasse a ser explorado como um vil instrumento, sem consideração alguma para com sua dignidade de homem, sua moralidade e seu lar domestico.»

Como Bispo de Perusa, já elle dissera, na carta pastoral de 1877: «Em presença destes operarios que uma cobiça sem entranhas exgotta antes de tempo, é o caso de se perguntar si os adeptos de uma civilização sem Deus, em vez de nos fazerem progredir, nos não fazem retrogradar muitos seculos, reconduzindo-nos a estas épocas de lucto, em que a escravidão esmagava uma tão grande parte da humanidade e em que o poeta exclamava tristemente: «o genero humano vive, apenas, para alguns raros privilegiados: *humanum paucis vivit genus!*»

Ainda, na celebre Encyclica *Rerum Novarum*, assim se exprime o sabio Pontífice sobre o que denomina *um formidavel conflicto*: «Por toda parte os espiritos acham-se indecisos em uma anciosa expectativa, o que basta, só por si, para provar quantos interesses geraes se acham aqui compromettidos.

Esta situação occupa e exerce, ao mesmo tempo, o engenho dos doutos, a prudencia dos sabios, as deliberações das assembléas populares, a perspicacia dos legisladores e os conselhos dos que governam: «*nem ha cousa que, na actualidade, com equal vehemencia se apodere do espirito humano.*»

E', com effeito, meus jovens collegas, o mais deploravel, o mais miseravel possivel o estado do operario no velho continente.

Em sua *Escravidão Moderna*, conta-nos Tolstoi que, no principio deste seculo um empregado da Estrada de Ferro Moscow-Kazan lhe disse, um dia, no decurso de larga palestra, que os 250 carregadores da quella estrada trabalhavam, o anno inteiro, 37 horas seguidas, sem descansar.

Não podendo duvidar da palavra de seu interlocutor, mas não podendo tambem acreditar em tamanha brutalidade, elle se dirigiu aos carregadores, que, esfarrapados, sob um frio violentissimo de vinte graus abaixo de zero, vergavam debaixo de pesos esmagadores, e para ganhar, apenas, um rublo, ou 1\$500 ao cambio actual.

Todos confirmaram o facto, só se queixando de que o pouco tempo que lhes concediam para o repouso, devessem ainda passal-o em um aposento infecto, que mal daria para quarenta pessoas e que devia comportar, pelo menos, cem. E convidaram-no a ir vel-o. Tendo-o feito conclue Tolstoi: «Aquelles homens, que soffriam, desabrigados de pelles, um frio de vinte graus, que, durante 37 horas, se curvavam sob cargas de 40 *puds*, e que, mortos de fome, eram obrigados a esperar que seus superiores se lembrassem de os mandar descansar; aquelles homens, cuja existencia era muito mais penosa que a das bestas de carga, queixavam-

se unicamente de que lhes dessem um recinto tão estreito para descansar.

Admirou-me a principio; mas, reflectindo sobre a sua miseravel situação, comprehendí como devia ser atroz o desespero daquelles desgraçados, que, transidos de frio, extenuados pela violencia do trabalho, desejando o repouso e o bem estar numa casa confortavel, tinham, unicamente, para logar de descanso, um intervallo escuro, debaixo das taboas, onde, para se introduzirem, lhes eram necessario arrastar-se no solo cheio de immundices, e, uma vez lá dentro, só podiam permanecer enroscados, numa posição incommoda, que lhes augmentava a fadiga do corpo, asfixiados ainda pelas emanações perigosas do ar viciado.»

Vejamos ainda outra face do quadro. Quando Presidente do Conselho de Ministros da Italia, mandou Cairolí abrir um inquerito sobre o trabalho das creanças; e verificou-se que, na Sicilia, nas minas de enxofre, dos 23.759 empregados, 7.613 eram meninos de 7 a 14 annos.

Eis, segundo o depoimento de uma testemuha ocular, como elles trabalhavam :

«Transportai-vos, pela imaginação, ás crateras destes vulcões extintos, que se desdobram em amphitheatro, ao redor da cidade de Cattanisseta, mesmo no centro da Sicilia. Monticulos de pedras amarelladas, fleiras de blocos de enxofre, fornalhas fumegantes—ostentar-se-ão á vossa vista; e, perto dalli, disfarçado, sob uma pequena construcção de pedra, um buraco aberto no sólo.

Approximai-vos, fitai os olhos neste abysmo hiante, e descobrireis, á luz do dia, que penetra, pela bocca da mina, nas entranhas da terra, uma larga escada, meic arruinada, feita de degraus, dispostos alternadamente dum e doutro lado, perdendo-se nas trevas do fundo da mina, a trezentos e muitos metros de profundidade.

Em descer e subir esta escada 14 vezes por dia, sob um peso esmagador, é que estão empregados meninos, assalariados ás familias mais pobres pelo avanço de 50 a 100 liras, e que devem trabalhar até que seja paga a somma, o que rarissimo succede.

Tangidos pelos chicotes do feitor, os pobresinhos surgem á superficie da mina, estafados, arquejantes, curvados sob o peso enorme, soluçando de desespero, e, mal, atiram á terra a carga descommunal, recomeçam a horrorosa tarefa.

O fardo imprime-se e grava-se, por assim dizer, sobre o dorso da victima. Pouco a pouco, as costas afundam-se, o peito estufa, todos os membros se torcem, sobrevém o bossio e o rosto adquire este ar enfermizo e cachetico, o qual equivale a uma sentença de morte.

Vêr esses desgraçadinhos e não se tomar de horror, de compaixão e de vergonha—é cousa impossivel. Suas hediondas physionomias se nos imprimem na memoria, como um remorso, e a dôr se renova cada vez que nelles falamos ou pensamos.

Não se póde imaginar espectáculo mais contristador e mais barbaro que ver sacrificada premeditadamente a mais tenra infancia, sacrificio que não tem similar nos costumes da mais primitiva humanidade.

«E', entretanto, do trabalho destas miseras creaturas que se enriquecem o *gabelloto*, o proprietario e outros; é a vida destes seres que se converte em moeda nas burras dos exploradores.»

Ora, meus jovens collegas, não é admissivel, como bem diz Voltaire, não é admissivel que uns tenham nascido de sella ás costas e outros de esporas aos pés.

E' uma enorme injustiça, senhor, exclamou Bossuet, que os pobres supportem toda a carga e que todo o peso da miseria lhes vá cahir ás costas. Si elles se queixam, si elles murmuram contra a Divina Providencia, permitti-me dizel-o, senhor, é com alguma cõr de justiça; pois, sendo todos feitos de uma só massa e não podendo haver grande differença entre argila e argila, por que veremos, de um lado, a alegria, o favor, a affluencia, e, de outro, a tristeza e o extremo desespero, a extrema necessidade, e, mais ainda, o desprezo e a servidão? Por que este homem tão afortunado viverá em tal abundancia e poderá satisfazer até aos desejos mais inúteis de uma requintada curiosidade, enquanto um miseravel, homem, todavia, tanto quanto elle, não poderá sustentar sua propria familia, nem mitigar a fome que o mata? !»

Entretanto, replicarei com Le Bon, é o phenomeno que se tem dado em todos os tempos, e, a não ser que um Deus omnipotente refaça a natureza humana, a desigualdade de condições está destinada a subsistir até o resfriamento final do nosso planeta. Revidaremos, porém, que, outr'ora, e o proprio Le Bon é o primeiro a reconhecê-lo, em sua *Psychologia do Socialismo*, outr'ora o pobre tinha, a alental-o, a fé religiosa, que lhe promettia a felicidade no outro mundo, e felicidade tanto maior, quanto mais tivesse soffrido na terra; outr'ora, a religião christã era o socialismo dos pobres, dos desherdados, dos infelizes de toda sorte.

Aos que choram chamou Jesus Christo bemaventurados, porque serão consolados: *«beati qui lugent, quoniam ipsi consolabuntur»*; aos que trabalham e que soffrem disse: «Vinde a Mim todos que penais e estais sobre carregados e eu vos alliviarei: *Venite ad Me omnes qui laboratis et onerati estis et ego reficiam vos.*»

Ao contrario, falando dos ricos, disse: «Na verdade vol o digo: muito custa entrar no reino dos céus um rico. E mais vos digo: Mais facil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha que penetrar um rico no reino dos céus: *Amen dico vobis quia dives difficile intrabit in regnum cælorum. Et iterum dico vobis: facilius est camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in regnum cælorum.*»

Outr'ora nenhuma parte tinha o povo no poder publico.

Ora, actualmente, a fé tem desaparecido das proprias classes populares, que assim exigem o seu quinhão de felicidade mesmo neste mundo; actualmente, com o suffragio universal, o povo é soberano e não se póde, como bem o diz Laveleye, comprehender um soberano vivendo na

miseria, principalmente quando os seus mandatarios vivem na opulencia. E' a explicação do rapido desenvolvimento do socialismo, que, em poucos annos, passou, em differentes paizes, de partido de seita a partido de opposição, e, em alguns como na Australia e na França, a partido de governo.

Accresce ainda que todas as doutrinas socialistas, apesar de suas multiplas e profundas divergencias, se propõem este fim ultimo, no qual se acham accordes estabelecer, entre os homens, pela coacção legal do Estado, a maior egualdade possivel na riqueza e na pobreza, na felicidade e na desgraça:—exactamente o idéal de todos os pobres e de todos os infelizes: *solatium miseris socios habere malorum*. Tambem, entre nós, se impõe a solução do problema, não só porque, como já mostrámos, o proletariado é uma resultante da civilização, como porque, segundo o disse Jaurés, em uma das conferencias feitas no Rio, vivemos da immigração, e o immigrante já nos vem trabalhado pela corrente socialista, de sorte que, si nos não apparelharmos com leis que regulem, equitativamente, as relações entre elles e os patrões, procurarão outros paizes que, egualmente necessitados de braços e mais precavidos que nós, já o tenham feito, como a Australia.

Não podemos continuar na mesma imprevidencia. Os funestos resultados já se estão fazendo sentir.

«Em algumas officinas do Estado, diz um editorial do *Paiz*, de 5 de setembro findo, visitadas pelo dr. Moncorvo Filho, que queria fazer um estudo documentado sobre os estragos da tuberculose nas collectividades infantis, encontrou o conceituado clinico, affectados daquelle mal, 70 % dos menores de 15 annos alli empregados.

Seria curioso ampliar as observações ás officinas particulares.

Certamente se verificaria a mesma dolorosa porcentagem, sinão maior; porque, em grande numero de fabricas, faltam as condições de salubridade, que, embora em grau incompleto, se verificam nos estabelecimentos federaes.

Esta estatistica é, naturalmente, inquietadora.

Nas fabricas, utiliza-se, sem escrupulo, o trabalho dos menores.

Por um *baixissimo salario*, executam estes certos serviços, cuja remuneração seria *cinco ou seis vezes maior*, si fossem prestados por adultos. Não se attende á sua capacidade physica, á sua resistencia organica.

O que se quer é tirar do seu braço o maximo de producção. Estiola-se, assim, a vitalidade do pequeno proletario, que, á força de trabalhar além do limite indicado pela idade, fica pelo seu depauperamento physiologico, exposto á entrada e facil adaptação dos germens da tuberculose.

A' fadiga quotidiana, ao esgotamento pelo demasiado esforço, juntam as condições desfavoraveis, sob o ponto de vista hygienico, das salas, em que, durante longas horas, estão entregues ao seu officio.»

Assim, pois, meus jovens collegas, releva providenciar, quanto antes. Que idéas, porém, do programma socialista serão acceitaveis juridicamente, face esta que é a unica pela qual estou encarando o assumpto?

Cumpre, desde logo, banir o anarchismo—a extrema esquerda do socialismo, — quer o anarchismo, pela violencia de Bakounine e de Kropotkine—sonho de Platão realizado por Cartouche, segundo a feliz imagem de Pedro Lessa,—quer o anarchismo, pela inacção e pela abstenção, como o prega Tolstoi; porque, si devemos reparar as injustiças existentes, não se justifica a destruição completa de toda a organização actual, sem que, entretanto, saibamos como reconstruil-a ou substituil-a: «a mais profunda sentença politica do seculo XIX, pondera Augusto Comte, é que só se destróe o que se substitue.»

Quanto ao communismo em seus diversos matizes, não ha, hoje, socialista algum auctorizado que o defenda.

Os pobres é que seriam exactamente as suas primeiras victimas: tão descommunal se tornaria o exercito dos burocratas, incumbidos de administrar a riqueza de producção e de distribuir a de consumo, que todos se veriam obrigados a trabalhar, exclusivamente, para o funcçionamento publico: seria applicar-se ao corpo social o *scorpio scorpiorem curat* dos latinos, ou a celebre therapeutica do dr. Sangrado.

Apezar de todos os argumentos, alguns bem especiosos, do collectivismo agrario e do industrial, si a manutenção, no futuro, da propriedade da terra e dos instrumentos de producção é uma hypothese, «esta, ao menos, dil-o Fouillée, se funda nos factos presentes, e em grande parte nos passados, e, ao inverso, sua abolição, ao menos em um futuro proximo, é uma hypothese opposta a esses factos» e, portanto, muitissimo ousada para sobre ella se poder elaborar uma construcção juridica.

Nem da transferencia do dominio da terra ao Estado, pela simples incidencia do imposto territorial progressivo, é consequencia forçada a diminuição do pauperismo e o accrescimento do bem estar geral; pois na Italia, os impostos já abrangem mais de 50 % da renda da terra e, entretanto, naquelle paiz é que é extrema a miseria rural. Mais ainda: reconhecida como illegitima a propriedade individual do solo, força é concluir pela illegitimidade do dominio eminente do Estado sobre o respectivo territorio, e, desde então, a lucta feroz entre os povos pela posse dos terrenos mais productivos ou mais salubres. Attentemos de facto nas seguintes palavras de Tarde: «*A propriedade é o roubo*», seja. Isto, porém, tanto é verdade da propriedade particular, como da collectiva. Si alguns dominios entraram, pela violencia ou pela astucia, nas familias de seus possuidores, póde-se dizer que todos ou quasi todos os territorios nacionaes têm sido adquiridos, armas em punho, graças a abusos da força, a usurpações odiosas e, o que mais é, historicamente conhecidas, incontestaveis, ao passo que as usurpações particulares são incertas ou se acham esquecidas.

Si, pois, a justiça reclama a reparação das iniquidades passadas quanto á partilha dos dominios particulares, convém, antes de tudo, constituir uma só massa de todos os territorios nacionaes, na Europa e em todo o mundo, e repartil-os equitativamente, entre os povos; só depois é que se poderiam distribuir, com a mesma equidade, aos individuos de cada povo, as parcellas de seu dominio nacional. Não seria negocio de pouca monta. Mas a justiça o exige em absoluto. E é fazer uma idéa exaggeradamente optimista da natureza humana, é esquecer o egoismo colectivo e monstruoso, inherente ao espirito de cada nação, persuadir se alguém de que os povos mais favorecidos pela natureza e pela extensão de seu territorio renunciariam, de bom grado, as suas vantagens para dellas fazerem participes a seus vizinhos relativamente desherdados. Nunca se verá esta «noite de 4 de agosto das nações». Mas, quando a nação mais povoada se aperceber de que, por cabeça, só possui tantos ares, ao passo que a menos povoada, perto della, possui o duplo ou o triplo, pensará necessariamente na respectiva annexação... e o mais *marxista* dos primeiros ministros estará prompto a fazel a.»

Dada a organização collectivista industrial, garantido e imposto a todos o trabalho, mas á livre escolha de cada um, quem quereria exercer os misteres considerados servis? quem trabalharia nas minas e nos esgotos? quem serviria de foguista de uma via-ferrea, ou, mais ainda, de um transatlantico, matando-se em uma temperatura de 50 graus, a aspirar fumaça e pó de carvão?! São perguntas a que nenhum collectivista deu ainda resposta satisfactoria.

Além disso, são completamente falsas as premissas de que Karl Marx e, com elle, os outros collectivistas deduzem a illegitimidade do direito de propriedade e do lucro do capital; pois o valor não é producto exclusivo do trabalho, mas, por equal, da terra e agentes naturaes, bem como do capital, sem os quaes é impossivel a producção.

E que é o capital sinão o proprio trabalho economizado, e, portanto, tão sagrado, quanto elle? Admittamos, porém, que o Estado se aproprie, com indemnização ou sem ella, das terras e do instrumental da producção.

Nem por isso desaparecerá, entre os homens, a desigualdade economica; pois, no dia seguinte, recomeçará a formação de novas riquezas particulares—as de consumo, graças á economia dos mais previdentes e mais operosos.

Afigura-se-nos, igualmente, inatingivel, em toda a sua plenitude, o idéal da grande maioria dos socialistas—a egualdade absoluta na riqueza e na pobreza.

«Podemos, com effeito, diz Edmundo Schœrer, maldizer a desigualdade, podemos negal-a em theoria, podemos forcejar por nos desembarçarmos della; mas é impossivel deixar de leval-a em linha de conta, repousando, como ella repousa, sobre una lei da natureza, traduzindo-se por differença de força e, portanto, de trabalho e de utilidade.

Os acasos do nascimento e da vida sempre dão e sempre darão—sãos e doentes, fortes e fracos, honestos e viciosos, inteligentes e estúpidos, trabalhadores e preguiçosos—variedades extremas de caracteres e de aptidões, infinitos ancenubios nessas próprias variedades—escala incommensuravel, cujos graus vão do genio de um Napoleão ao embrutecimento dos camponios de Zola.

Proceda o Estado collectivista, como e quanto o quizer, a golpes de decretos, e quebrar-se-á contra o facto primordial, contra o dado ineluctavel: não conseguirá impedir que haja capazes e incapazes e que aquelles se arranjem melhor do que estes.

Querer egualar o enfermo, o estúpido, o indolente—ao forte, ao sabio e ao trabalhador—é nada menos que um attentado contra a communitade: é abaixar-lhe o nivel; é, sob o pretexto de commiserção para com os desherdados da natureza, condemnar a humanidade ao rachitismo.»

Accresce, meus jovens collegas, como bem o mostra Novicow, que a egualdade economica não pôde, só por si, assegurar o bem estar geral. Cumpre, antes de tudo, augmentar a producção.

Com effeito, são precisos a cada homem, pelo menos, 50 kilogrammas de assucar por anno, o que quer dizer que, para um billião e trezentos milhões de individuos acima de cinco annos, que povoam o nosso planeta, são indispensaveis 65 billiões e 500 milhões de kilogrammas. Ora, o mundo inteiro produz, apenas, seis billiões, isto é, dez vezes menos do que o preciso.

O mesmo phenomeno se observa relativamente ao pão, á carne e a todos os outros objectos de primeira necessidade.

O facto capital, evidenciado pelas estatisticas, diz Elysée Réclus, é que duzentos milhões de Hindús devem enganar sua fome por uma alimentação completamente insufficiente.

Dá-se o mesmo com 360 milhões de chinezes e 367 milhões de europeus.

Pôde-se, pois, affirmar que, de dez habitantes do nosso planeta, nove não têm com que satisfazer as necessidades do estomago.

A partilha egual de todos os productos alimenticios, como a partilha egual do assucar, conclue Novicow, não poderá modificar esse estado de cousas.

E' o que já antes haviam demonstrado Stuart Mill e Marlo, tratando do accrescimento da população.

E' possivel, entretanto, e cumpre, quanto antes, por medidas adequadas, minorar, sinão remover, os males que resultam de defeitos da organização social, exercitando para com a grande maioria da sociedade, formada de proletarios, os principios da justiça, pois esta é a funcção primordial do Estado.

Com este fito, os chamados—socialismo de Estado e de Cadeira—já hoje seguidos, nesta parte, pelo collectivismo evolucionista ou possibilis-

ta, apresentam uma série de medidas razoaveis, de que vos indicarei as principaes.

Algumas já se acham, felizmente, incorporadas na legislação do nosso Estado. Assim o *homestead*, o qual, na America do Norte, tem produzido taes beneficios, que se acha adoptado em todos os Estados e as constituições de quinze o consagram entre as declarações de direitos.

Entre nós, porém, apesar de instituido pela lei n. 269, de 1899, até hoje ninguem se tem d'elle utilizado: é que quasi todos o ignoram — tão grande é o nosso atrazo! Convem, pois, que uma propaganda intelligente lhe patenteie as extraordinarias vantagens economicas e juridicas.

Quanto à facilitação do credito pela modicidade dos juros, já o actual governo proveu, em parte, com a fundação do Banco de Credito Agricola, prestando ás classes productoras um dos maiores beneficios de resultados immediatos que, em Minas, se lhes tem feito neste 22 annos do novo regimen.

Resta-lhe, porém, completal-o, favorecendo a criação de sociedades cooperativas de credito popular, como as que existem na Allemanha, na Italia e na Belgica — bancos ou caixas Raiffeisen e Schulze-Delitzsch.

Corresponderá, assim, o governo ao voto do Congresso Agricola e Industrial de 1903 e ao Congresso Catholico, ultimamente aqui reunido.

A oportunidade da medida e a plena possibilidade da sua adaptação ao nosso meio foram cabalmente demonstradas pela alta competencia do dr. João Ribeiro. Já existe, a respeito, um projecto votado, este anno, pela Camara dos Deputados, e remettido ao Senado.

Sobre as cooperativas de produção — outra providencia lembrada pelo Congresso Agricola e Industrial — já temos a lei n. 367, de 1903, faltando, apenas, que se estabeleçam as de consumo.

Relativamente á infancia desamparada, está dado, e brilhantemente, o primeiro passo, com a criação do Instituto « João Pinheiro », outro relevantissimo serviço do actual Presidente do Estado. Que se organizem, em todos os districtos ou municipios, institutos similares, e teremos estancado uma das fontes principaes da miseria e da criminalidade

Passo a expor-vos, agora, as medidas que ainda não adoptamos e que, em diversos paizes, já constituem a legislação industrial.

1.<sup>a</sup> A fixação das horas de trabalho dos adultos, sua prohibição aos domingos e á noite, salvo casos de força maior, bem como sua interdicção completa ao menores de dez annos, como o fazem as leis de quasi todas as nações cultas.

Quanto ao numero de horas, variam as legislações, entre oito, como o pedem os socialistas e o determinam a Australia e alguns Estado da America do Norte, e doze, como na França, excepto para os trabalhos publicos, em que o maximo é de nove.

Quem se não revoltará ante o excesso de trabalho a que, entre nós, se acham sujeitos os empregados das casas commerciaes — os caixeiros, quasi sempre menores, entrando para o balcão ás seis da manhã e

sahindo ás nove ou dez da noite, quinze a dezeseis horas seguidas de afanoso labor e sem jamais se poderem sentar?!

Regulamentando o trabalho, desempenha o Estado a attribuição de prevenir attentados contra o desenvolvimento physico, intellectual e moral da população operaria. Do excesso de trabalho resulta a degeneração da raça. Assim é que, na provincia de Cattasineta, por exemplo, de 1881 a 1884, sobre 3.762 operarios, que se apresentaram para o serviço militar, só 203 é que foram julgados aptos.

Além disto, as observações feitas na Inglaterra, na Australia e na America do Norte provam que o producto é tanto melnor e o salario tanto maior, quanto menor é o numero de horas de trabalho.

Reduzir-se-ão, tambem, os accidentes, que, de accordo com as estatisticas allemãs, são, de oito a dez horas, em numero de 1650, ao ao passo que, de dez a doze, attingem a quasi o dobro — 3.188.

2.<sup>a</sup> A prohibição do trabalho dos menores e das mulheres em todas as industrias, cujo exercicio for incompativel com as suas disposições organicas: assim o exigem os principios da moral, os sentimentos de humanidade e o interesse superior do paiz, attentas a conservação da raça, a defesa nacional e o progresso da propria industria, que, como fonte da prosperidade publica, é uma função social;

3.<sup>a</sup> A adopção de medidas de segurança e de hygiene nas minas e nas officinas, com o fim de proteger a vida, a integridade corporea e a saude dos operarios.

Por falta destas medidas, exigidas hoje por quasi todas as legislações, quantas pessoas não morrem, actualmente, ou não estragam, por completo, a saude, nas minas e fabricas existentes nos Estado e na União? Sobre o que se está passando, nesta Capital, com creanças de oito annos de idade, leia-se a local do «Estado», de ante-hontem, sob a epigraphie «Accidente na Fabrica de Tecidos.—Uma creança quasi esmagada»;

4.<sup>a</sup> O seguro dos operarios contra a invalidez, a velhice, a falta de trabalho, os accidentes e a miseria, como o fazem a Inglaterra, a França e a Italia.

A sociedade, diz Fouillée, tem o direito e o dever de diminuir o mais possivel o pauperismo — peso morto a obstar-lhe a marcha.

Si aos cidadãos ella impõe encargos para a defesa das fronteiras, para a salubridade publica e para a propria instrucção, tambem póde e deve exigir-lhes um minimo de previdencia, tendo em vista a utilidade geral;

5.<sup>a</sup> A assistencia publica, como existe na Inglaterra, na Allemanha, na Austria, na Australia e em varios Estados da America do Norte.

E' uma resultante da solidariedade humana; pois, si uma sociedade civilizada deixar morrer de fome os meninos e os velhos, será preferivel voltar-se ao estado selvagem, em que são estrangulados, mas exactamente com o piedoso intuito de os não deixar soffrer muito tempo.

De que vale assegurar, constitucionalmente, os direitos de liberdade, egualdade, prosperidade e segurança, si, ao mesmo passo, se não assegura o direito á vida, sem o qual não podem aquelles subsistir?

Demais, é entre os mendigos e vagabundos que se recruta o grande exercito do crime.

E, só depois de organizada a assistencia publica, é que se poderá incriminar a mendicidade.

Entre nós, emtanto, apesar de se não achar organizada tal assistencia, a mendicidade é punida como contravenção.

Assim, o pobre, inhabilitado de trabalhar, ou morrerá de fome, ou sujeitar-se-á á prisão cellular.

Não póde haver mais revoltante inversão dos canones da justiça ! ;

6.<sup>a</sup> O estabelecimento de tribunaes arbitraes, como os propuzeram, na Allemanha, Gneist, e, na França, Waldeck Rousseau e Millerand, e como têm sido instituidos na Suissa, na Australia, na Nova Zelandia, no Canadá e em alguns Estados Norte-Americanos, com a attribuição legal e forçada de decidir todas as questões entre patrões e operarios.

Por este meio, segundo tem succedido naquelles paizes, fixar-se-á equitativamente o salario e evitar-se-ão as grèves, cujos prejuizos são incalculaveis.

Assim, não falando nos crimes monstruosos e na extrema miseria que acarretam e que se acham tão magistralmente descriptos no «Germinal», só as perdas pecuniarias attingiram, nos Estados Unidos, de 1881 a 1900, segundo as estatisticas officiaes, a um milhão e duzentos mil contos de réis, e, na recente grève de operarios das vias ferreas inglezas, a qual durou, apenas, 50 horas, só os prejuizos da industria ferro-viaria importaram em treze mil e setecentos contos, não se tendo avaliado os das outras industrias, em que ficaram sem trabalho 350.000 empregados ! ;

7.<sup>a</sup> A prohibição de se estipular que os empregados sómente possam comprar em um armazem determinado : é uma clausula leonina, cujo unico fito é a diminuição do salario convencionado, resultante da elevação do preço por que se vendem as mercadorias ;

8.<sup>a</sup> A criação de caixas economicas escolares, destinadas a receber as pequenas economias dos alumnos, como as estabeleceu Laurent, o sabio e humanitario jurisconsulto belga, nas escolas de Gand, donde irradiaram por todo o paiz, tornando-se, no conceito de Laveleye, o germen de grande transformação social, por inculir, no espirito das creanças, as vantagens e os beneficios moraes da economia ;

9.<sup>a</sup> Estabelecer-se, como condição, em todas as concessões feitas pelo Estado, a participação dos trabalhadores nos lucros da empresa, como se faz na França : é o unico meio de se corrigir a iniquidade do salario nas industrias em que não puder ser, de outro modo, fixado, e de se conciliarem o trabalho e o capital ;

10.<sup>a</sup> Quanto á herança em linha recta, o proprio congresso socialista de Basilèa, apesar do predominio da corrente communista, votou pela respectiva conservação, visto que, ao contrario, ninguem procuraria economizar. Não se justifica, comtudo, a successão intestada na linha collateral, salvo até irmãos e sobrinhos ; pois a herança irá, em regra, caber a

quem para ella em nada contribuiu; algumas vezes, a um inimigo do fallecido; quasi sempre, a um indifferente;

11.<sup>a</sup> Deixo de falar das medidas referentes a impostos, como o que deve incidir, e progressivamente, sobre a renda, não só por já termos algumas das cedulas deste imposto, como a territorial, a que recahe sobre as industrias e profissões e os dividendos, mas ainda porque, em tudo o que concerne a impostos, os nossos legisladores, como os de todos os paizes, são mais que ferteis: o fisco é, em toda parte, verdadeiro polvo;

12.<sup>a</sup> Finalmente, embora nenhum paiz a tenha ainda adoptado, é com toda a razão que os socialistas pedem a gratuidade absoluta da justiça.

Sendo esta, de accordo com todas as escolas, a função primaria e essencial do Estado, é, precipuamente, para exercel-a, que elle arrecada impostos.

Não se justifica, pois, que, de novo, os faça incidir sobre os que se limitam a pedir-lhe justiça: é o «bis in idem»; é o dólo de quem cobra duas vezes, o que se não explica, e menos ainda se justifica, por parte do órgão supremo do direito e da justiça.

Foi o objectivo visado, entre nós, pelo maior estadista republicano, como lhe chamou uma das mais puras glorias mineiras—Mendes Pimentel, foi o objectivo visado por João Pinheiro com os celebres decretos a que elle mesmo deu a denominação de—justiça republicana.

Para expedil-os, elle recorreu ás luzes e á competencia de um dos primeiros juristas mineiros, distinctissimo lente desta Faculdade—o dr. Levindo Ferreira Lopes, que os não elabororaria, como o fez, si elles não traduzissem os mais puros principios do direito e da justiça.

Si, pois, feriram interesses de serventuarios do fóro, que se removesse o inconveniente, retribuindo-os devidamente. Não foi, porém, infelizmente, o que se fez.

Mal João Pinheiro fechou os olhos—«les morts vont vite!»—o poder legislativo derogou seus decretos e exactamente no que tinham de melhor, de mais justo, de mais favoravel aos interesses do povo.

Houve, felizmente, um protesto, que, para honra de quem o fez, deve ficar aqui consignado,—o do deputado dr. Miranda Junior.

Eis, meus jovens collegas, em rapido escorço, as principaes medidas, propugnadas pelo socialismo de Estado e pelo de Cadeira.

Conta-nos Bentham que, desde muito, andava procurando um systema de moral, que pudesse seguir, quando, por acaso, se lhe deparou um velho livro de Priestley, em que leu, escripta em italico, esta formula: *A maior felicidade do maior numero*. «A esta vista, diz Bentham, eu exclamei, transportado de alegria, como Archimedes, quando descobriu o principio fundamental da hydrostatica: *Eureka*, eu achei!»—Ora, meus jovens collegas, não é outro o escopo das idéas que acabo de vos expor, as quaes, portanto, podem e devem ser compartilhadas por todos os homens de bôa vontade, pouco importando que se digam socialistas ou individualistas, pois, tambem estes, muitas vezes, como Mr. Jourdain, fazem socialismo sem que o saibam.

E' assim que, quando Proudhon foi processado em 1849 e, no interrogatorio, se confessou socialista, perguntou-lhe, admirado, o Presidente do Tribunal— o que era o socialismo.

«E', respondeu Proudhon, toda aspiração para o melhoramento da sociedade.»— «Mas, neste caso, disse-lhe o Presidente, todos nós somos socialistas.»— E', exactamente, o que eu penso, sr. Presidente, concluiu Proudhon.»

Pouco depois, na celebre pastoral de 8 de junho de 1851, em que condemnava o socialismo, disse o Arcebispo de Paris: «Fique bem entendido que não desaprovamos o socialismo verdadeiro, si dermos este nome a esta tendencia geral que impelle alguns homens de um zelo puro e desinteressado a diligenciar o melhoramento da sociedade em suas instituições, em suas leis, em seus usos e costumes, no bem estar de todos e, principalmente, das classes laboriosas — tendencia christã e louvavel, digna de nossos applausos, quando, não se reduzindo a systemas e a phrases, investiga, sinceramente e com perseverança, os meios mais proprios para realizar o progresso social, procurando, para seus semelhantes, uma maior somma de bem, seja de ordem moral, seja de ordem material».

E a razão, meus jovens collegas, nol-a dá Oliveira Martins: é que «entre o facho incendiario do anarchista e a garra rapace do judeu, entre a revolução e o saque organizado, os governos modernos têm um grande e glorioso papel a representar, como fieis da balança social, órgãos da ordem, da justiça e da conservação. E' o programma simultaneamente adoptado por Leão XIII e por Guilherme II, pelo Papa e pelo Imperador, reconciliados, ao cabo de tantos seculos, no altar da devoção social; pelo catholicismo e pelo protestantismo, tambem reconciliados, pelo Evangelho, na idéa da protecção e da defesa dos humildes; é a reivindicção, para o fóro collectivo, dos *disjecta membra* do corpo social disconjunctado».

Qualquer, portanto, que seja a vossa disposição na sociedade, meus jovens collegas, escolhei das medidas propostas, as que vos parecerem mais adaptaveis ao nosso meio e propugnae para que se incorporem no direito patrio, formando a legislação industrial.

Tereis, deste modo, a gloria de contribuir para que nos vamos approximando, embora, muito lentamente, deste supremo ideal de felicidade, para o qual, desde os tempos mais remotos, desde a prehistoria, a humanidade se arroja anciosa.

E' a miragem que sempre a tem fascinado, reflectindo-se successivamente, na *Edade de ouro dos poetas*, na *Crotona* de Pythagoras, na *Atlantida* e na *Republica* de Platão, na *Utopia* de Thomaz Morus, na *Cidade do Sol* de Campanella, na *Oceana* de Harrington, na *Salenta* de Fénelon, nas *Comunidades Economicas* de Meslier, no *Codigo da Natureza* de Morelly, no *Espelho de Ouro* de Wieland, na *Arcadia* de Bernardin St. Pierre, nos *Phalansterios* de Fourier, na *Icaria* de Ca-

bet, e, afinal, neste bellissimo sonho, em que, *Sobre a Pedra Branca* de Anatole France, se antevê, perfeitamente organizada, a grande sociedade collectivista — a Federação Européa do seculo XXIII — a republica do amor, da paz, da ordem, da egualdade, da plena harmonia social— a mais completa felicidade de que é susceptivel a existencia do homem no planeta.

Elevareis, assim, o nome desta Faculdade, prestareis relevantissimo serviço á Patria e praticareis uma das mais bellas maximas de Seneca — exactamente a que escolhestes para divisa de vosso quadro : — Nunca deixaremos de trabalhar pelo bem commum, de prestar auxilio mesmo aos nossos inimigos :

«*Nunquam desinemus communi bono operam dare, opem ferre etiam inimicis*».